



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14130 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

“O LAR QUE SEMPRE VOLTO”: TRAJETÓRIA DE UMA MULHER EXTRATIVISTA DA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Débora Mate Mendes - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Marlo dos Reis - UFPA - Universidade Federal do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Amapá- FAPEAP

“O LAR QUE SEMPRE VOLTO”: TRAJETÓRIA DE UMA MULHER EXTRATIVISTA DA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Resumo: A pesquisa em andamento objetiva resgatar memórias da trajetória de mulheres egressas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no percurso acadêmico e político-social, por meio da produção de (auto)cartografia e de curtas metragens, advindos das histórias orais, em diferentes territórios da Amazônia Amapaense. Este estudo parte de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa do tipo descritivo-analítica, com métodos da pesquisa-ação, história oral e Cartografia Social com desenho e entrevista com 4 (quatro) mulheres egressas do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Agrárias e Biologia (LEdoC) da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Campus Mazagão. Os resultados preliminares apresentam a trajetória de 1 (uma) mulher que a partir de sua (auto)cartografia mergulha em memórias que retratam a vida e pertença identitária no território extrativista, sua percepção sobre as diferenças de trabalho e gênero no extrativismo da castanha e o rompimento de amarras estruturais para realizar seu percurso estudantil, acadêmico e político-social de luta e resistência. As categorias de análise levantadas a partir dos resultados são Território, Gênero e Educação.

Palavras-chave: Educação do Campo; Mulheres; Memórias; Cartografia Social.

Pensar e discutir as relações de gênero no contexto do Campo na Amazônia Amapaense pressupõe vislumbrar o silenciamento imposto historicamente pelo patriarcado que muitas vezes inviabiliza o acesso e permanência das mulheres na escola e na universidade.

A participação efetiva das mulheres no processo produtivo e de reprodução da vida historicamente foi secundarizada por valores que orientam as relações de gênero, materializando-se, através do machismo e patriarcado, superdimensionando a ação dos homens e apagando a ação das mulheres por reduzir o reconhecimento social ao trabalho doméstico e não produtivo (NEVES; MEDEIROS, 2013). O trabalho das mulheres na agricultura, no extrativismo, na pesca e outras atividades externas à casa não são reconhecidos, mas classificados como “ajuda” ao marido.

Na produção material e simbólica de suas existências as populações amazônicas desenvolvem características próprias de convivência com a terra, as águas, as florestas, a diversidade dos territórios que impactam seus modos de vida, a divisão do trabalho e a participação social.

Rompendo estas barreiras materiais, as mulheres têm ocupado diferentes posições sociais para além do espaço doméstico, como a agroindustrialização e comercialização de seus produtos, fundação de sindicatos e associações de mulheres, participação nos partidos políticos e movimentos sociais de luta pela terra, pelas águas, pelas florestas, bem como, na formação média, técnica, universitária e pós-graduação.

A presente pesquisa tem por objetivo resgatar memórias da trajetória de mulheres egressas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no percurso acadêmico e político-social, por meio da produção de (auto)cartografia e de curtas metragens, advindos das histórias orais, em diferentes territórios da Amazônia Amapaense. A metodologia se pauta em uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa do tipo descritivo-analítica e pretende combinar métodos da pesquisa-ação, história oral e Cartografia Social. Na 1ª fase da pesquisa ocorreu a oficina sobre (auto)cartografia, com a descrição oral dos elementos presentes na construção do mapa. Para Tetamanti e Rocha (2016) o resultado do processo produtivo da Cartografia Social, se dá com a construção e a explicação, só pode ser viabilizado por quem o construiu, uma vez que constituem o texto que remete ao problema inicialmente abordado. Os resultados preliminares estão agrupados e analisados nas categorias Território, Gênero e Educação.

Os resultados parciais aqui apresentados trazem memórias de uma mulher extrativista nascida na localidade de Água Branca do Cajari, município de Laranjal do Jari, região sul do Amapá, neste artigo chamada por nome fictício de Rute. As narrativas foram construídas na dinâmica da cartografia social, onde Rute fez o seguinte mapa e deu o título: “O lar que sempre volto”

Figura 1: Cartografia “O lar que sempre volto”

Fonte: pesquisa de Campo, Rute, 2022

“Esse é o meu mapa, [...] as minhas memórias, quando penso em Água Branca do Cajari, vem pontos específicos, principalmente por estar relacionado a afeto, a lugares que eu sempre fui, que eu sempre estive, ao convívio, o espaço onde eu transitei [...], então eu começo a cartografia evidenciando nesse espaço verde a Resex Cajari que fica localizada no Sul do Amapá, eu fiz questão de colocar ela nesse envolto porque eu saí de Água Branca do Cajari [...] atrás de educação e independente da onde eu vá eu sempre tô fazendo um percurso de volta pra casa, pro meu lar Cajari”. (RUTE, 2022)

O desenho e o trecho da fala de Rute apresentam sua relação com seu Território, o verde da

Reserva Extrativista, os castanhais, os rios, a estrada, seus lugares de afeto e de convivência. O território é inerente às práticas sociais de produção e reprodução da existência nas comunidades em uma relação dialética inseparável, resultando destas ações sociais, “da memória e do imaginário, mediante as necessidades e interesses de seus sujeitos, gerando, no indivíduo, o sentimento de pertencimento e poder”. (MENDES; SILVA; REIS, 2020, p. 368)

Descrevendo estas memórias da comunidade de sua infância, Rute recorda da escola, da igreja, do rio, do posto de saúde e demais espaços de convivência e relações sociais, lazer e entretenimento, construção de laços e sustento da vida como expresso na seguinte memória:

“o nosso posto de saúde, que é a nossa praça, a gente sabe que não tem uma praça aqui então aquele é o espaço onde a gente se encontra pra sentar e socializar [...] e tem o nosso rio, nosso espaço de lazer, que é de onde vem a comida, mas também é nosso espaço social”. (RUTE, 2022)

As memórias de Rute resgatam o trabalho no extrativismo da castanha e as relações de Gênero pois no castanhal “é de onde vem o nosso sustento, é o local que todo ano o papai entra e além de ser a fonte de renda do pai é também da comunidade e significa muito pra nós o extrativismo da castanha” (RUTE, 2022) desvelando a diferença de poder e status do trabalho masculino.

A mulher extrativista, por sua vez, não se resigna a uma posição de subalternidade na vida doméstica, mas desenvolve sua participação na agroindustrialização e comercialização de seus produtos, criando alternativa de geração de trabalho e renda, além da criação de associações e organizações de mulheres como pontos de referência com destaque nas memórias de Rute

“eu destaquei a AMAP e a Feira da Comunidade, porque foram movimentos que a gente aqui dentro principalmente das mulheres que são pontos de referências para nós aqui, porque quem não trabalha lá, mas tem a mãe que já trabalhou ou que trabalha, que aprendeu a fazer biscoito lá ou aqui, conquistou a sua renda”. (RUTE, 2022)

Sobre o acesso à Educação, Rute iniciou o ensino fundamental 1 e 2 na comunidade de Água Branca, mas precisou ir à sede urbana do município para fazer o ensino médio, na capital do estado para seu ensino superior e sair do estado para a pós-graduação conforme sua (auto) cartografia

“Eu saio da Resex Cajari porque eu tive que buscar educação e pra quem quer, a gente tem que sair ou pra Laranjal ou pra Macapá, eu fiz esse primeiro percurso pra Laranjal mas não deu certo, depois eu passei pra Macapá onde eu entrei no curso de Licenciatura em Educação do Campo e consegui o ensino superior, saindo de Macapá, eu novamente fiz uma viagem atravessando o Amazonas em busca de educação (Mestrado em Belem/PA), eu tive oportunidade de sair mais um pouco, eu abracei com todas as minhas forças e fui”. (RUTE, 2022)

O acesso à educação escolar nos territórios extrativistas é uma luta destes sujeitos e seus movimentos organizados lutam pelo direito à Educação do Campo “como uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, que possua vínculo com a sua cultura,

saberes locais e necessidades, sejam elas humanas e/ou sociais” (CALDART, 2002).

A produção da (auto)cartografia possibilitou o despertar de memórias da trajetória da narrativa em mapeamento de paisagens, um percurso entre os espaços físicos, os corpos e as experiências como ato criador e gerador de conhecimento. É o olhar da mulher para si mesma, num ir e vir de imagens, de fios, conexões e elos que vão forjando processos formativos (SILVA, 2020).

Enquanto considerações finais se pode afirmar que o protagonismo de contar a trajetória de vida a partir das (auto)cartografias e histórias orais possibilita o resgate das memórias e resistências que inspiram os processos de emancipação, autonomia, lutas sociais, mobilidade social, construções socioculturais relativas a papéis e no reconhecimento do trabalho produtivo da mulher e do direito ao acesso à educação.

REFERÊNCIAS

- CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Caderno 4. Brasília: 2002.
- MENDES, Débora, SILVA, Eliane e REIS, Marlo. Cartografia Social como metodologia para formação de professores do campo: uma experiência a partir do Arquipélago do Bailique. Rio de Janeiro. Revista Educação e Cultura Contemporânea. Vol. 17, Nº 48, 2020.
- NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (Org.) Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamento políticos. Niterói: Alternativa, 2013.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da. (Auto)Cartografia da minha professoralidade docente: pesquisa e vida entrelaçadas. UNEB, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/iyzI0. Acesso em: 11 abr. 2023.
- Tetamanti, Juan Manuel Diez; Rocha, Eduardo. Cartografia Social Aplicada a la Intervención Social en Barrio Dunas, Pelotas, Brasil. Revista Geográfica de América Central. Nº 57. Julio-diciembre 2016.